

Introdução

Este trabalho pretende registrar os resultados de uma pesquisa sobre Vista Alegre, comunidade rural de Santa Maria Madalena, município de 10.840 habitantes, situado no centro norte fluminense. O estudo busca traçar uma cartografia da recepção dos discursos da televisão entre as famílias de produtores rurais deste lugar que passou a receber o sinal da televisão ainda em 2001. Para realizar tal propósito, foram realizadas cinco viagens à localidade, 14 visitas a residências e 40 entrevistas.¹

Os resultados práticos da pesquisa de campo são descritos e entrelaçados com a bibliografia disponibilizada pelos estudos em Comunicação, Antropologia, Sociologia, Geografia e História. Procuramos verificar em que medida a memória de uma dada comunidade passa a ser reconstruída a partir da recepção dos produtos provenientes da televisão, que reescreve a história sob os parâmetros do presente. Se, em Vista Alegre, a maioria dos moradores adultos teve pouco ou nenhum acesso à escola e a outros meios de informação além da tevê, de que maneira a reconstituição da história por esse veículo irá interferir na memória de fatos passados, agora mediatizados? Como a compreensão do passado deverá agir sobre as circunstâncias presentes? Produzirá sobre elas um novo sentido?

A metodologia de pesquisa de campo desenvolvida pela Antropologia é de grande contribuição para esse trabalho. Conhecer os parâmetros da etnografia ajuda a estabelecer os primeiros contatos com a comunidade, conversar com seus moradores, observá-los, escutá-los e a seus silêncios. A partir dos resultados preliminares, constatamos que não seria possível fazer um estudo de recepção nos moldes tradicionalmente utilizados: naquele universo salpicado de micro-histórias, cada narrador diz de uma televisão que lhe fala de perto, porque atende, de algum modo, às suas expectativas e seus interesses, alimentando sonhos.

¹ A primeira visita a Vista Alegre foi feita em junho de 2003 e objetivava conhecer a localidade, as pessoas entrevistadas dois anos antes pela emissora de tevê e para verificar a viabilidade de desenvolver no local uma pesquisa de mestrado. Em julho de 2005 foi feita a primeira investida com o objetivo de levantar as informações preliminares para o desenvolvimento da dissertação. O pesquisador esteve na comunidade de Vista Alegre mais três vezes, sendo que, nas duas últimas, em janeiro e julho de 2006, a permanência foi de uma semana. Foram feitas pelo menos duas visitas a cada família participante a fim de assistir à televisão com os grupos. Algumas residências foram visitadas pelo menos três vezes. Como metodologia de pesquisa foram utilizadas entrevistas, questionários e observação participante.

É nesse momento, no entanto, que a proposta se torna ainda maior: como cartografar um lugar que não está no mapa físico oficial do município de origem? Onde obter os recursos que permitam traçar esse mapa? Essas indagações que se impuseram à pesquisa são importantes para trazer à tona a suposição de que, antes de um estudo de recepção, o que este trabalho sugere é o registro histórico de uma localidade que, dadas as circunstâncias apontadas ao longo das próximas páginas, corre o risco de desaparecer, antes mesmo de existir oficialmente.

Em se tratando de um lugar que “não está no mapa”, foi preciso estabelecer algumas convenções: considerar os contextos cultural, geográfico, social e econômico que compõem essa carta temática, localizar cada morador na sua casa, visto tratarem-se de pessoas diferentes, com expectativas diversas sobre o que a televisão pode oferecer à construção de suas identidades. A pesquisa traça as coordenadas do processo de incorporação do aparelho de tevê na vida cotidiana para investigar de que maneira os habitantes de Vista Alegre se utilizam de conteúdos simbólicos veiculados pelo meio para configurar sua rede de relações com os outros e com o mundo, em um processo complexo e desigual. Tal discussão tem como suporte temático a hipótese central de que a recepção de programas televisivos pode funcionar, como já o disse Martín-Barbero, “não como ponto de chegada e fechamento do sentido, mas, ao contrário, como ponto de partida, de uma memória que acaba refazendo o texto em função do contexto *reescrevendo-o*” (1997, p.160) ². Dessa forma, lidamos não apenas com receptores, mas com sujeitos em condição de produzir discursos próprios a partir de outros, como protagonistas de atos comunicativos. Faz-se necessário de início, tentarmos avaliar de que maneira Vista Alegre se relaciona com uma questão da contemporaneidade que, sem sombra de dúvida e de forma irreversível, está transformando as relações do homem com o mundo e com ele mesmo: a globalização.

A discussão em torno da globalização, suas origens, sua distribuição e seus efeitos parece levar a pelo menos uma suspeita: em um mundo pleno de desigualdades econômicas, sociais e culturais, não se pode falar em globalização, mas em processos globalizatórios. O ideal de uma globalização, do ponto de vista hegemônico, estende sua rede a um alcance inimaginável e ainda imensurável. Dessa forma, é preciso refletir sobre os processos através dos quais os povos e os países se incorporam a esse projeto totalizante, levando-se em conta as diferenças

e as complexidades que o tema suscita. No primeiro capítulo, buscamos compreender de que se trata o fenômeno da globalização e de que maneira alcança Vista Alegre. Para isso, relacionamos a análise do objeto com os conceitos de localismo globalizado e globalismo localizado desenvolvidos por Boaventura de Souza Santos (2001). Para o autor, o globalismo localizado é a alternativa cabível aos países periféricos, como o Brasil, que sofrem as conseqüências da globalização e desempenham, nesse contexto, o papel de atores contra-hegemônicos, submetidos que estão a uma ordem econômica normativa global. Por outro lado, Santos (2001) classifica de localismo globalizado o processo pelo qual um fenômeno local se globaliza.

Os estudos de Geografia ajudam a traçar os aspectos físicos dessa carta simbólica na medida em que buscam investigar as exigências que o projeto da globalização faz àqueles territórios que, como Vista Alegre, estão afastados do centro e só encontram possibilidades de exclusão e inclusão subalterna. Neste momento da pesquisa utilizamos as análises realizadas por Milton Santos sobre a globalização e seus efeitos, sobretudo quando ele se refere às conseqüências desse processo sobre os lugares considerados periféricos. A descrição feita pelo sociólogo Antônio Cândido sobre a sociedade rural e suas características contribui para categorizar a localidade estudada nos parâmetros de uma comunidade rural.

Desse modo, nos propusemos a traçar dois mapas que se entrelaçam ao longo do texto: sob a perspectiva física - do lugar - a implantação da energia elétrica em Vista Alegre inaugura o momento da modernidade; sob uma perspectiva simbólica - em uma dimensão espacial - o mapa busca refazer o percurso que os moradores locais vêm desenhando naquele lugar, um espaço praticado, para dar sentido às suas vidas, agora invadidas pelos conteúdos disponibilizados pelo advento da tecnologia: o aparelho de televisão. Esta proposta pretende investigar de que maneira os indivíduos dessa comunidade dialogam com as complexidades que se impõem no conflito entre uma modernidade tardia e os processos globalizatórios que chegam pela televisão.

Iniciamos o segundo capítulo percorrendo a história da televisão brasileira, essa que nasceu local, ao vivo, com auditório e em preto e branco. Pudemos verificar que, de 1950 para cá, é verdade, muita coisa mudou: as emissoras hoje operam em rede; o *video tape* imprimiu uma nova retórica ao veículo; o auditório foi definitivamente transformado em estúdio; os recursos tecnológicos se

aprimoraram ao longo do tempo e, em pouco mais de 20 anos, o preto e branco deu lugar ao espectro da cor. Mas passamos a supor que a tevê brasileira já nasceu mal intencionada. A descoberta quase instantânea da capacidade de seduzir através das imagens e o aperfeiçoamento das ferramentas que viriam a potencializar o uso desta estratégia apontam para a intencionalidade do meio. Uma evidência que vem produzindo histórias de amores, ódios e debates mal resolvidos. Sem querermos cair no lugar comum dos que se limitam a execrá-la e sem pretendermos ser levianos na crítica quanto a suas intenções, nesse momento nosso objetivo é situar, no contexto em que a televisão brasileira surgiu e se firmou, o papel daquele que viria a ser sua primeira garantia de sobrevivência: o telespectador³. Buscamos resgatar o início da história do veículo para tentar verificar a implicação desse telespectador para que a tevê logo se firmasse como poderoso meio de comunicação de massa; sob essa perspectiva, procuramos investigar em que momento esse interlocutor invisível e silencioso passa a ser receptor ou chega a ser considerado como tal, pelo veículo.

Ainda nesse capítulo, buscamos retornar a Santos (2001) e à sua descrição de localismo globalizado e globalismo localizado. Aplicamos os referidos conceitos quando convenciamos classificar o receptor em três categorias: consideramos que ele se torna um personagem empírico quando é utilizado como fonte do telejornalismo regional, em que a veiculação de sua experiência cotidiana ajuda a legitimar a narrativa com que a televisão se propõe a tornar globais os acontecimentos localmente produzidos⁴; a tevê regional representa a materialização da estratégia utilizada pelas redes em sua proposta de cobertura

³ Com relação à análise dos meios de comunicação e seus efeitos entre os receptores, há correntes teóricas diversas que Eco (2000) cunhou de “apocalípticos” e “integrados”. Para o autor, os apocalípticos consideram a cultura como um fato aristocrático, um cultivo assíduo e solitário, de uma interioridade que se apura e se opõe à vulgaridade da multidão. Para essa corrente de pensadores, conceber uma cultura que seja partilhada por todos, produzida de forma a que todos se adaptem, é um equívoco. Em contraposição, a imagem da integração emerge da leitura dos textos da cultura de massa; os integrados acreditam que a televisão, o rádio, o cinema, o romance popular, ao colocarem os bens culturais à disposição de todos, tornando leve e agradável a recepção de informações, configurariam uma época de alargamento da área cultural, onde se realiza a circulação de uma arte e de uma cultura popular. Para o autor, a fórmula “apocalípticos e integrados” não sugeriria a oposição entre duas atitudes, mas a predicação de adjetivos complementares, adaptáveis a esses mesmos produtores de uma “crítica popular da cultura popular”. (ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000, p. 07 a 30).

⁴ Adotamos o termo “personagem” em alusão ao fato de que, na produção de matérias jornalísticas, o entrevistado é tratado como tal a partir do momento em que é incluído para contar uma história que possa ilustrar e assim ratificar o assunto tratado. Nas redações de jornalismo, o termo é amplamente utilizado com esse propósito.

totalizante dos fatos. Acreditamos, nesse caso, tratar-se de um processo de inclusão subalterna; o local se incorpora ao global estigmatizado, folclorizado.

De outro modo, supomos que esse receptor se torna personagem histórico quando, através do discurso mediático, torna-se testemunha de fatos dos quais não participou, mas que, assimilados na memória como verdadeiros, contribuem para ajudar a escrever a narrativa mnemônica que o veículo cria sobre os fatos nacionais, universais. Dessa forma, o globalismo se localiza quando a tevê busca no receptor o consentimento necessário para impor sobre ele a perspectiva hegemônica que determina a “tradução” oficial da história. Quando lidamos com um receptor que tem na televisão sua principal fonte de informação e contra a qual não tem armas para se opor, é possível perceber que ele aceita as versões que lhe são propostas e as reproduz no cotidiano como legítimas⁵. Processos globalizatórios que, ao se localizarem, concorrem para configurar um novo sentido para o mundo, agora transpassado por uma suposta autenticidade das imagens.

Os estudos de recepção permitem, finalmente, relacionar esse receptor com o personagem teórico a partir do qual os pesquisadores se debruçam para procurar entender de que maneira os indivíduos – aqui os moradores de Vista Alegre - passam a conviver com as mensagens da televisão: que dimensões dão a essas mensagens? Como as utilizam em suas relações com os outros? Como as incorporam na banalidade da vida cotidiana?

No terceiro e último capítulo, pretendemos demonstrar que esta não é uma pesquisa de números, mas de narrativas. Não há números porque Vista Alegre não está inscrita no mapa da globalização, em uma perspectiva hegemônica, em nenhum mapa. O fato de a localidade ser parte de um município que registra taxas de crescimento negativo, em uma região afastada do centro, aprofunda a dificuldade de traçar um mapa físico e reforça a condição que faz deste um lugar esquecido. Acreditamos que, ao nos debruçarmos sobre esse desafio, contribuimos para discutir a complexidade que se estabelece entre o que a globalização se propõe a ser e o que ela consegue alcançar em um mundo onde prevalecem as desigualdades.

⁵ No caso de nosso objeto de estudo, poucos moradores de Vista Alegre têm acesso a livros, revistas, jornais ou material didático que possam ser úteis como outras fontes de informação com as quais fossem capazes de confrontar as versões “oficiais” veiculadas pela mídia.

A pesquisa etnográfica é a ferramenta que, através das narrativas dos moradores de Vista Alegre, nos permite traçar a cartografia de uma globalização em curso, promovida pela televisão. As conversas, os questionários e a observação participante são aqui utilizados como instrumentos para que se possa entrar em contato com os grupos pesquisados, conhecê-los e realizar essa cartografia simbólica, tendo-se como parâmetro não um programa de televisão específico, mas as preferências que apontam as diferenças.

Retomamos alguns autores trabalhados brevemente no segundo capítulo (Almeida, 2003; Hamburger, 2005) para aprofundar as questões que se colocam sobre os estudos de recepção do ponto de vista da Antropologia: ao fruir a programação da tevê, que negociações são feitas entre a tradição e a modernidade para que os novos valores e conceitos oferecidos pelo veículo sejam incorporados ao cotidiano de Vista Alegre? Se a recepção dos produtos da mídia se dá no espaço doméstico, da casa e do bairro, é nesses lugares que o pesquisador em comunicação deverá buscar as respostas para as indagações que pretende suscitar.

Por fim, procuramos criar as conexões entre as questões levantadas nessa dissertação e os autores referenciados, apontando e discutindo os conceitos, tomando como base os relatos desses que se tornaram nossos personagens, a fim de estabelecer os vínculos que permitirão visualizar as coordenadas traçadas nesta cartografia. O mapa que é possível vislumbrar não pretende ser uma descrição de falas, mas uma indicação da leitura que o pesquisador faz dos acordos que precisam ser estabelecidos entre ele e os receptores, dos interesses que estão em jogo, dos diálogos que se materializam, da maneira como o trabalho é realizado e das surpresas, sem as quais o estudo perderia parte do sentido. Aqui pretendemos demonstrar que se a homogeneização é uma desculpa para tratar a todos como iguais é a partir da análise das diferenças que as complexidades tomam forma e apontam para uma possível heterogeneidade. Seu Luís dos Passos diz que “não dá idéia para a televisão”, mas a voracidade com que manipula o controle remoto parece demonstrar que, a despeito de sua fala, ele ainda espera encontrar na programação da tevê algum conteúdo que o convença a “dar a ela alguma idéia”. Que televisão é essa em que seu Luís não se encontra?